

Medicina Veterinária

Desafios no controle do estado epiléptico secundário a trauma cranioencefálico em cão- relato de caso

Caroline Arantes de Carvalho - Acadêmica do Módulo 6 do Curso de Medicina Veterinária, UFLA/DMV. Contato: caroline.carvalho1@estudante.ufla.br;

Bianca Carvalho Ribeiro do Nascimento - Acadêmica do Módulo 5 do Curso de Medicina Veterinária, UFLA/DMV. Contato: bianca.nascimento@estudante.ufla.br;

Anna Luiza Alves Miranda - Médica Veterinária Residente em Clínica Médica de Pequenos Animais, UFLA/DMV. Contato: anna.miranda2@estudante.ufla.br;

Isa Lúcia Souza Resende - Médica Veterinária Residente em Clínica Médica de Pequenos Animais, UFLA/DMV. Contato: isacxc@hotmail.com;

Patrick Rodrigues Martins - Médico Veterinária Residente em Clínica Médica de Pequenos Animais, UFLA/DMV. Contato:patrick.martins1@estudante.ufla.br

Maira Souza Oliveira Barreto - Médica Veterinária efetiva do HV/UFLA. Preceptora do Programa de Residência do HV/UFLA. Contato: maira.barreto@ufla.br - Orientador(a)

Resumo

O traumatismo cranioencefálico (TCE) se trata de uma lesão física ao tecido cerebral que provoca interrupções na função encefálica e em estruturas circundantes. As lesões associadas ao TCE podem ser primárias, decorrentes diretamente do impacto (laceração, contusão, concussão e lesão vascular), ou secundárias, por evolução das lesões primárias, sendo intracranianas (edema encefálico) ou extracranianas (hipotensão). Com isso, é importante que a primeira medida seja a estabilização do animal, garantindo adequada perfusão sanguínea e evitando choque hipovolêmico. Por outro lado, na presença de estado epiléptico (EE), é necessário, primordialmente, a terapia anticonvulsivante com benzodiazepínicos, dado que o EE contribui para o aumento da pressão intracraniana que já está comprometida. Portanto, ainda que os sintomas não apareçam imediatamente, é essencial a observação de qualquer alteração de consciência, para que seja possível uma rápida intervenção, evitando o desencadeamento de lesões secundárias permanentes e, conseqüentemente, agravamento do caso. O objetivo deste relato foi evidenciar a conduta clínica de um caso de TCE em cão. Foi atendido, no Hospital Veterinário da UFLA, um canino, fêmea, pinscher de 8 anos, com histórico de queda (altura de 15 centímetros), no dia 22 de junho. Após esse evento, ele passou a ter crises epilépticas motoras generalizadas de, aproximadamente, um minuto. No dia 27 de junho, a tutora o levou para atendimento, sendo o mesmo encaminhado ao CTI (centro de terapia intensiva), pois, durante a anamnese, manifestou o EE. Desse modo, foi administrado diazepam, a fim de controlar o sintoma. No entanto, não foi eficaz a longo prazo, necessitando de mais duas doses, por via intravenosa, associado ao fenobarbital (três doses intervaladas de 30 minutos). Entretanto, como o animal não respondeu à terapia, foi iniciada infusão contínua de cetamina. Transcorridas 24 horas da internação, a tutora relatou não ter condições financeiras para continuar o tratamento, solicitando alta, mas, considerando o estado da paciente, foi indicada a eutanásia. Portanto, o TCE é uma enfermidade com alto índice de mortalidade em cães, sendo de extrema relevância a avaliação, por um médico veterinário, imediatamente ao aparecimento dos sinais clínicos, para que, assim, seja possível alcançar um prognóstico favorável e com sucesso terapêutico.

Palavras-Chave: Epilepsia, Benzodiazepínicos, Diazepam.

Instituição de Fomento: Universidade Federal de Lavras

Link do pitch: <https://youtu.be/WO8JHRIyBAY?si=HTAmrXWdyeytk5o>

Sessão: 1

Número pôster: 180

Identificador deste resumo: 4428-18-4254

novembro de 2024